

DIÁLOGOS SOBRE CIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ENTREVISTA COM O DOUTOR CLÓVIS ULTRAMARI¹

A presente entrevista se insere no âmbito do projeto de pesquisa “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”, que conduz entrevistas escritas e gravadas (em plataforma virtual) com destacados pesquisadores da Área de “Planejamento Urbano e Regional e Demografia” – Plurd – área de conhecimento científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, coordenado por docentes do Programa de Mestrado/Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado.

As entrevistas escritas e virtuais objetivam: a) Compreender a trajetória histórica, social, política e econômica dos debates sobre desenvolvimento; b) Analisar as variações conceituais decorrentes da interface das diversas áreas do conhecimento na constituição do discurso científico do desenvolvimento; c) Conceber aspectos constitutivos da área da Plurd e de sua condição estratégica ao acolher programas de *stricto sensu* de “Desenvolvimento Regional”; d) Constituir registro escrito sobre a Ciência do Desenvolvimento Regional disponível ao público interessado nas questões, debates, pesquisas e conhecimentos promovidos por esta área do conhecimento.

Esta é a terceira entrevista publicada da série “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”. O entrevistado é o professor e pesquisador Clóvis Ultramari, arquiteto e urbanista, que possui Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal do Paraná. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, e do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná. Entre seus projetos de pesquisa e temas de interesse, encontram-se: Aspectos epistemológicos do urbano, Gestão urbana, Grandes projetos urbanos; Circulação de ideias no estudo das cidades, Literatura e Cidade, América Latina. O professor Clóvis também é coordenador da Área de Planejamento Urbano e Regional e Demografia da Capes e coordenador da Área Estratégica Cidades da PUCPR. É pesquisador visitante junto à UCLA/Los Angeles, The George Washington University/Washington-DC e MIT/Massachusetts Institute of Technology/Cambridge e bolsista produtividade CNPq.

Para o professor Clóvis Ultramari, “O desenvolvimento regional, mais que outras áreas ou campos do conhecimento, tem um potencial significativo para esse novo leitor ou usuário de nossas produções e essa possível inserção social. Algumas estruturas universitárias dificultam esses novos vínculos devido a questões de processos seletivos de admissão de pesquisadores, sem permitir especificidades de cada uma das áreas ou mesmo dos programas de Pós-Graduação. Esta é uma barreira a vencer. Ainda assim, já é possível buscar identificar e

¹Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano. Professor permanente junto ao Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná. Paraná. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6441-3547> E-mail: ultramari@yahoo.com

consolidar parcerias de modo protagonista com estruturas e agentes externos ao mundo acadêmico-científico”.

A seguir, a entrevista na íntegra.

1. Professor poderia nos apresentar aspectos que considera relevantes de sua trajetória acadêmica?

Cada trajetória é definida por um conjunto de escolhas e de circunstâncias (eu sou eu e minha circunstância, teria dito Ortega y Gasset). Tive a oportunidade de trabalhar em instituições públicas com o compromisso de elaborar projetos, planos e programas regionais e municipais. Tive também a oportunidade de trabalhar em instituição de pesquisa para formular e justificar políticas públicas. Estas oportunidades certamente contribuíram para formatar meu perfil posterior de pesquisador acadêmico na área do regional e urbano, assim como por me fazer interessar por questões de desenvolvimento. Concluindo, o vínculo com instituições que me oportunizaram vivenciar temas que mais tarde eu viria a pesquisar foram fundamentais para minha formação acadêmico-científica.

2. Em que momento despertou no professor o interesse pela pesquisa em torno da temática do desenvolvimento?

Já na minha vida profissional, anterior à vida de caráter mais acadêmico. Conhecer realidades locais e regionais com suas especificidades e identificar a existência de atores diversos, antagônicos ou de interesses potencialmente consorciados tornou-se, para mim, um fato “curioso” e sobre o qual o vínculo com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná e a Universidade Federal do Paraná me permitiram estudar.

3. Em que ano o professor ingressou na área Planejamento Urbano e Regional, Demografia e Desenvolvimento Regional? E quais as características desta área naquele momento?

Ainda na década de 1990. Havia ainda um perfil, sobretudo no mundo profissional, responsável pela proposição de políticas públicas, um entendimento tecnicista, crente de que definições legais de uso do solo (a subárea na qual me especializei no início da carreira) e a realização de planos que estabelecessem ideais, seriam suficientes para a transformação do território urbano ou regional. Logo, ficou claro para mim que esta era uma visão parcial da realidade.

4. Antes da constituição da área Planejamento Urbano e Regional, Demografia e Desenvolvimento Regional, em que áreas do conhecimento se concentravam as pesquisas e debates sobre o desenvolvimento regional?

Não sei se tenho condições de responder a essa pergunta de modo assertivo. Posso dizer, entretanto, que o pensamento regional tem um vínculo ainda muito forte com a geografia e a economia, de modos específicos. Vocês me perguntam da área Planejamento Urbano e Regional e Demografia conforme entendido pela Capes, certamente, porém, esse consórcio é observado também em outros ambientes. Minha experiência com o planejamento urbano nunca foi dissociada do planejamento ou desenvolvimento regional, assim como sempre considerou os estudos demográficos, não como uma especialidade, mas como elemento fundamental nessa trílice área.

5. Em sua perspectiva analítica, quais as diferenças entre as concepções de desenvolvimento pesquisadas, analisadas e debatidas ao longo do século até fins da década de 80 em relação às pesquisas e debates do desenvolvimento regional pós anos 90 do século 20?

Acredito que essas mudanças seguem aquilo observado na ciência de modo geral. O momento de inflexão que vivenciamos foi aquele do questionamento sobre a legitimidade da própria ciência ou técnica. A partir do momento em que a realidade passa a ser aceita como contexto multifacetado, múltiplo e dependente do olhar de quem a analisa, o entendimento sobre desenvolvimento é revisto. Áreas diversas que compõem o consórcio acadêmico e profissional do planejamento urbano e regional e demografia contribuíram para esse entendimento necessariamente fractal, ora mais ora menos interdisciplinarmente. Houve avanços significativos na compreensão do desenvolvimento – assim como do planejamento –, porém, ainda há espaços para novas ousadias interdisciplinares.

6. Como você caracterizaria a ciência do desenvolvimento regional produzida na atualidade?

Como há muito anunciado como desejado, a Capes ainda persegue uma maior atuação dos Programas de Pós-Graduação brasileiros junto à sociedade. Apesar de muitas dificuldades e críticas que possam ser feitas aos processos de avaliação quadrienais, é possível detectar uma clara linha de avanço nesse sentido. Acredito que tem ficado mais entendida a importância do “para quem publicamos” e menos a do “onde publicamos”. Está mais claro, também, o valor da inserção social de nossa Pós-Graduação. O desenvolvimento regional, mais que outras áreas ou campos do conhecimento, tem um potencial significativo para esse novo leitor ou usuário de nossas produções e para essa possível inserção social. Algumas estruturas universitárias dificultam esses novos vínculos devido a questões de processos seletivos de

admissão de pesquisadores, sem permitir especificidades de cada uma das áreas, ou mesmo dos programas de Pós-Graduação. Esta é uma barreira a vencer. Ainda assim, já é possível buscar identificar e consolidar parcerias de modo protagonista com estruturas e agentes externos ao mundo acadêmico-científico.

7. Em sua perspectiva, quais os principais desafios para a ciência do desenvolvimento regional na atualidade?

Neste estudo, não cabe a crítica à falta de recursos, instabilidade de programas e prioridades por parte das políticas públicas de fomento científico no Brasil. É certo, entretanto, que esse cenário compõe o conjunto de desafios enfrentados pela ciência do desenvolvimento regional. Do mesmo modo, concorre para o incremento de desafios, o desinteresse ou desconhecimento por parte do setor privado e público político-administrativo sobre o que a nossa ciência produz ou tem capacidade para produzir. Se essas são questões gerais e mais distantes de uma atuação direta e específica da ciência do desenvolvimento regional, é possível vislumbrar uma série de outros desafios, mas que poderiam ser enfrentados pelos próprios integrantes de tal ciência. Cito um exemplo: é urgente identificar experiências e produções de qualidade relevante que ocorrem fora dos grandes eixos ou polos acadêmicos brasileiros. Entendo a ciência do desenvolvimento como aquela fortemente vinculada a especificidades locais ou regionais: é urgente, pois uma revisão epistemológica de valorização desse mesmo local e regional, não apenas como recorte geográfico de estudo, mas sobretudo em nível de referencial teórico e busca de compreensões ainda não estão devidamente difundidas. Para tanto, sem dúvida, dependemos de uma nova avaliação e valorização de nossas revistas e dos eventos, sempre na busca das especificidades.

8. Quais autores ou pensadores são suporte teórico (das diversas áreas) para sua construção do pensamento na área do Desenvolvimento Regional?

Essa pergunta seria fácil de responder se fosse feita há mais de uma ou duas décadas. Ainda nos atemos nossos autores clássicos, sem dúvida, mas todos eles devem passar pelo escrutínio de nosso tempo e nossa especificidade de país e de região, ou mesmo de município. As referências autorais se multiplicaram. A exigência, acertada, acredito, de se trabalhar autores contemporâneos, de certo modo eclipsou autores que ainda nos são seminais. De modo mais direto, eu diria: não tenho essa lista. Isso não significa que não devo me justificar.

**9. Percebe a existência de embates teóricos na área do Desenvolvimento Regional?
Em quais temas?**

Os mesmos que observamos na sociedade, algumas vezes muito antagônicos. Se isso não fica explícito, é devido a uma resistente demanda em se trabalhar com outros atores da sociedade. Acredito que fora dos campi universitários é que o embate teórico se faria mais evidente. No circuito do *campus* ou de nossos diálogos científicos, há um grande “concordacionismo” que nos protege, facilita publicações e garante projetos. Ao mesmo tempo, há pouco espaço para embates verdadeiros, para além daqueles de interesse meramente pessoal ou de interesse e prioridade de pesquisa. Onde discutimos? Em bancas de defesa, de modo restrito àquele ambiente, e em eventos, também de modo ocasional. O embate em publicações praticamente não existe.

10. Considera uma rede internacional de debate na área do Desenvolvimento Regional? Quais autores e países estão envolvidos nessa dinâmica?

Difícil falar de redes internacionais para além daquelas que conhecemos ou participamos. O mundo certamente é muito maior que elas. Pelo viés de minhas prioridades e visões pessoais, diria que a América Latina é um contexto à parte neste mundo maior. A produção de Celso Furtado e daqueles que o seguem intelectualmente, certamente é o melhor exemplo autoral: há, aí, produção e, sobretudo, difusão de suas obras. Outro elemento é a ação da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), criada em 1948, que agrega justificativa para essa distinção do continente como espaço e rede do pensamento do desenvolvimento regional. Por último, a valorização crescente de estudos sobre o Sul Global também reforça esse recorte geográfico como específico e como “laboratório” de discussões. Fica como desafio a constituição de microrredes; essas sim, acredito, mais transformativas, constituídas por recortes menores entre realidades distantes, mas similares ambiental ou socialmente.

Entrevista concedida à:

Alexandre Assis Tomporoski
Cintia Neves Godoi
Jairo Marchesan
Sandro Luiz Bazzanella

Como citar esta Entrevista: ULTRAMARI, Clovis. Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional. [Entrevista Cedida a] Alexandre Assis Tomporoski, Cintia Neves Godoi, Jairo Marchesan, Sandro Luiz Bazzanella. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 12, ed. esp. 3, p. 21-25, 21 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.3.4262>

Entrevista recebida em: 12/05/2022

Entrevista aprovada em: 30/11/2022

Entrevista publicada em: 21/12/2022